



A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de *Veja* e *IstoÉ* nas décadas de 1980 e 1990*

Paulo César Castro
Professor-Adjunto da Escola de Comunicação da UFRJ**

Resumo

O surgimento da Aids no início da década de 1980, mais do que apenas a manifestação de uma nova doença, transformou-se no agente que tornaria a sexualidade - tradicionalmente confinada à privacidade, aos espaços íntimos e fechados - cada vez mais pública. A preeminência desse debate teve nos *media* um dos seus lugares mais destacados, já que estes funcionam como um dos mais importantes dispositivos contemporâneos a estabelecer o espaço público e, conseqüentemente, a produzir o real. Este trabalho busca mostrar como, a partir das reportagens sobre Aids, as revistas *Veja* e *IstoÉ*, as duas principais semanais do país, vão construindo, sob estratégias enunciativas às vezes comuns e às vezes diferentes, as referências sobre a sexualidade, heterossexualidade, homossexualidade, doença e medicina.

Palavras-chave

Aids; sexualidade; mídia

* Trabalho apresentado ao NP 09 – Comunicação Científica e Ambiental, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

** Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ.



1. Introdução

Os anos 1980 mal tinham começado e o Brasil já passara a fazer parte de uma lista da qual constavam apenas países do chamado Primeiro Mundo. Mas o que poderia ser motivo de comemoração - diante de nossa histórica dependência política, econômica e cultural dos modelos externos -, viria a ser, neste caso, uma triste constatação. Nosso país acabara de contabilizar oficialmente sua primeira vítima de uma doença que, figurando naquele momento apenas nos Estados Unidos e em alguns países europeus, ainda estava imersa num mar de dúvidas e carregava junto com ela um amplo leque de preconceitos contra suas vítimas. Morria de Aids em junho de 1983 o costureiro Marcus Vínicius Resende Gonçalves, mais conhecido como Markito, um dos mais importantes estilistas do país e personagem de trânsito fácil entre alguns dos mais conhecidos nomes do olimpo midiático.

Mais do que apenas a manifestação de uma doença nova, a irrupção da Aids no cenário da década de 1980 transformou-se no agente que tornaria a sexualidade — tradicionalmente confinada à privacidade, aos espaços íntimos e fechados — cada vez mais pública. Portanto, o debate público a que a sexualidade foi obrigada a se submeter tornava-se cada vez mais preeminente a partir da Aids, com a especificidade de expor, agora sob novos signos, as nossas mais profundas intimidades, e, o que é um dado motivador deste trabalho, teve nos meios de comunicação um dos espaços mais importantes na contemporaneidade para a “oferta de sentidos” sobre este referente. Ou seja, os *media* são tomados aqui não apenas como lugares a partir dos quais a doença tornou-se inteligível, mas, tomando-a como mote, como espaços fundamentais de (re)construção da sexualidade.

Dessa forma, a sexualidade deixou de ser apenas uma questão de ordem estritamente sexual, a interessar sobremaneira aos profissionais e especialistas do campo médico, sanitário, epidemiológico, psicológico ou outras áreas afins, para ser pensada fundamentalmente como uma questão discursiva. A reflexão sobre ela pode ser feita assim pois, além de se constituir em objeto das “disputas de sentido” do mundo dos especialistas, se faz anunciar todos os dias pelos *media* (ainda que não seja de forma explícita) através do agendamento — por parte de jornais, revistas, tvs e rádios (com suas regras próprias) — dos mais variados temas que, num primeiro momento, parecem distantes da sua esfera. Neste sentido, *Veja* e *IstoÉ*, as duas principais revistas semanais de informação do país, têm uma atuação fundamental para que a sexualidade seja objeto



de uma pluralidade de significações, orquestradas segundo as gramáticas próprias de cada suporte.

2. A Aids como fenômeno discursivo

É a partir de 1980, ano em que foi registrado o primeiro caso no Brasil¹, que a Aids se torna visível para a sociedade brasileira, ainda que praticamente sob o ponto de vista médico. Além de ser avaliada pelos registros estatísticos e pelas observações epidemiológicas, restritos assim a grupos muito demarcados de profissionais, a Aids pode e deve ser tomada como um *fato social total*², incluindo, além de outras, a dimensão simbólica, principalmente a resultante dos processos de significação engendrados na ordem de discurso midiática. Portanto, além de fenômeno biológico que atinge os corpos físicos, a Aids é um fenômeno discursivo que vai se disseminando pelas páginas das revistas, submetida a estratégias enunciativas específicas que a semantizam.

Assumindo que a epidemia, durante os primeiros anos de sua aparição no país, foi tratada como questão menor pela esfera governamental, foram os meios de comunicação que fizeram-na “existir” para o conjunto da sociedade, ainda mais que a doença, na primeira metade dos anos 1980, manteve-se praticamente restrita a São Paulo e ao Rio de Janeiro. A Aids serviu, assim, para delimitar a importância dos *media* como um dos mais importantes dispositivos contemporâneos a estabelecer o espaço público e, conseqüentemente, a produzir o real. Pelo campo midiático que aqui nos interessa, o do jornalismo, a realidade não é apenas anunciada, mas também construída.

Os acontecimentos sociais não são objetos que se poderiam encontrar prontos em algum lugar na realidade e dos quais a mídia faria conhecer as propriedades e os avatares a posteriori com maior ou menor fidelidade. Eles só existem na medida em que são construídos pela mídia. (...) Os *media* informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nosso real.³

¹ Cf. Ministério da Saúde, Brasil. *Boletim Epidemiológico – AIDS*. XII Semana Epidemiológica, 09 a 21, março/maio, 1999. No mundo, a disseminação significativa do HIV parece ter tido início no final da década de 70. Quando a Aids foi descrita pela primeira vez, em 1981, estavam ocorrendo infecções pelo HIV em cerca de 20 países. Cf. MANN, Jonathan, TARANTOLA, Daniel J. M. e NETTER, Thomas W. (orgs.). *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Abia/IMS-Uerj, 1993. p. 19.

² MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

³ VERON, Eliseo. *Construire l'événement: les medias et l'accident de Three Mile Island*. Paris: Minuit, 1981. pp. 7-8.



Como acontecimento social, a Aids foi um “prato cheio” para os *media*, pois a ela estavam associadas questões como sexo, drogas, morte, intimidade, sangue etc., elementos que se encaixam como uma luva nos critérios que os manuais de redação estipulam para um fato tornar-se notícia e ser submetido às suas coberturas. Ainda mais porque as primeiras vítimas da Aids, durante praticamente toda a década de 1980 e os primeiros anos da de 1990, foram personalidades vinculadas ao mundo da indústria cultural (cinema, moda, teatro, TV, música), como Markito, Rock Hudson, Flávio Império, Cazusa, Lauro Corona, tidas publicamente como homossexuais ou que, pelas enunciações jornalísticas, foram assim apontadas ou, por outro, postas em situação de dúvida. Foi a partir desse aspecto que, nas primeiras matérias através das quais a Aids foi assunto nos meios de comunicação, ela foi apresentada como doença estranha que acomete os homossexuais masculinos.

É o caso Markito, portanto, que vai dar à Aids, através dos meios de comunicação, a visibilidade social que ela, apesar de existir clinicamente, ainda não tinha. Até então, a doença tinha ocupado as páginas de jornais e revistas praticamente como apenas um “problema dos outros”, a partir de despachos de agências de notícias internacionais sobre os casos nos Estados Unidos, onde 1.508 pessoas infectadas já tinham sido contabilizadas, sendo que 575 tinham morrido. Portanto, não somente as leituras médica e epidemiológica foram importadas dos Estados Unidos, mas as próprias estratégias de nomeação e referência dos *media* americanos, característica polifônica dos meios de comunicação brasileiros que atesta sua dependência em relação às matrizes do jornalismo estadunidense.

A partir daí (*da morte de Markito*), essa doença, considerada predominantemente americana e rica, invade com sensacionalismo os meios de comunicação e o cotidiano dos homossexuais brasileiros. Os jornais especulam sobre o “câncer guei” (por causa do sarcoma de Kaposi) ou, simplesmente, “peste guei”, já que a doença vem atacando sobretudo homossexuais, no mundo todo.⁴

Mas se a Aids, a partir deste acontecimento, foi construída discursivamente pelos *media*, propondo noções para sua interpretação por parte da sociedade, também assim aconteceu com a sexualidade. A doença foi o vetor das enunciações que as revistas *Veja* e *IstoÉ* usaram para construir seus respectivos modos de leitura sobre a

⁴ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 429.

sexualidade. Portanto, resta-nos procurar saber como os contratos de leitura particulares das duas principais revistas semanais de informação do país, ao construírem as referências sobre a Aids, nomeando-a e fazendo-a existir, construíram também as significações acerca da sexualidade.

3. A Aids midiática: o pânico pela morte certa

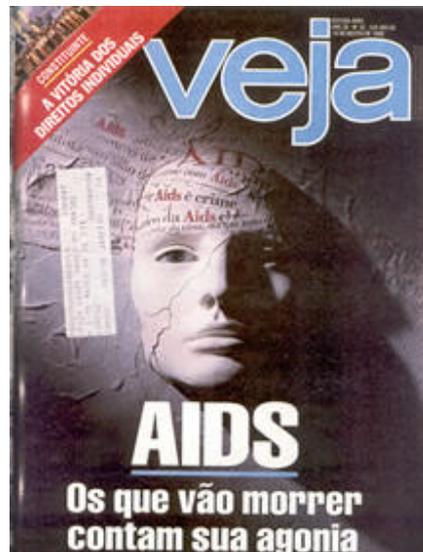
O pânico da Aids instaurado pelos *media* vai sendo construído sob diferentes estratégias enunciativas. A mais cruel estratégia enunciativa do pânico se dá pela associação construída de forma inequívoca e inquestionável entre Aids e morte, feita através de enunciados na sua maioria declaradamente assertivos.

- (1) Markito, de fato, padecia de uma *doença até agora incurável*, a síndrome de deficiência imunológica adquirida, mais conhecida pela sigla americana AIDS. (*IstoÉ*, 15/06/1983, grifos meus)
- (2) [...] Amigos íntimos, colegas e mesmo simples conhecidos se puseram em fila para ver e tentar animar um jovem magro, extremamente frágil, que travava *uma batalha inútil contra a morte*. (*IstoÉ*, 13/03/1985, grifos meus)
- (3) *A luta sem esperanças* de Galizia, fundador do premiado grupo de teatro Ornitorrinco e considerado um jovem brilhante no meio teatral, trouxe o seu círculo mais próximo de amigos homossexuais para a dura realidade que tentaram ignorar nos últimos dois anos [...] (*IstoÉ*, 13/03/1985, grifos meus)
- (4) Esta enfermidade, identificada nos Estados Unidos há quatro anos, toma rapidamente as características de uma epidemia, *até agora sem cura e que condena à morte*, num prazo máximo de dois anos a partir de sua primeira manifestação, a *totalidade das pessoas que ataca*. (*IstoÉ*, 29/05/1985, grifos meus)
- (5) [...] A maioria dos contaminados, cerca de 500 000 brasileiros, convive com o vírus em seu estágio silencioso até o dia em que *a espada do anjo da morte toca seu ombro*. (Veja, 29/01/1992, grifos meus)

O dispositivo de enunciação de *IstoÉ*, pelos enunciados acima, mostra uma oscilação no modo como instaura o pânico. Se em (1) e (4) a Aids é qualificada como incurável, que “condena à morte”, a marca de ênfase (“até agora”) nos dois casos estipula que não será para sempre, amenizando o impacto da condenação. Abre assim a perspectiva de que no futuro seja reversível sua condição de doença fatal. No caso dos enunciados (2) e (3), o pânico assume outra característica com os seguintes sintagmas nominais: “uma batalha inútil contra a doença” e “A luta sem esperanças”. Aqui, o emissor pressupõe a existência, para o leitor, de uma “batalha” e de uma “luta”. Ou seja, o enunciatário é considerado como já sabendo que está em plena guerra e que não tem o que fazer.

O enunciado (5) aciona um significante do universo religioso (“espada do anjo da morte”) para metaforizar o momento em que o vírus HIV começar a se manifestar, remetendo as vítimas para o campo semântico da culpa, tida, nesse mesmo contexto, como transgressão de preceito religioso e, assim, assimilada como pecado.

A mais expressiva estratégia de instauração do pânico pela revista *Veja* acontece na capa da edição de 10 de agosto de 1988. Nela, dois enunciadores (E1 e E2) se contrapõem. O primeiro mostra o molde de um rosto, sem expressão facial bem definida, olhando fixo para a frente, mas que tem como detalhe no seu lado esquerdo o restante do que parece ser uma máscara da mesma cor branca do rosto, denunciada apenas pelo contorno irregular onde foi aparentemente arrancada. O segundo enunciador representa a própria revista, que está presente através da luz em diagonal que ilumina o rosto, incidindo do canto superior esquerdo para o canto inferior direito. Sua presença também é marcada através dos recortes de manchetes de jornais colados sobre a testa da máscara, nos quais a palavra *Aids* está sublinhada com a cor vermelha.



E2 reforça uma estratégia através da qual a revista se oferta ao enunciatário como uma luz que revela a escuridão, tomada aqui como aquela na qual se escondem os que têm o vírus mas não dizem, temendo expor sua doença e sua homossexualidade, representados pelo trabalho de E1. Tentativa inútil porque tem E2 para trazer a verdade à tona e porque, como assevera sempre o emissor, eles já estão mortos. Portanto, o rosto que fixa o enunciatário é o da morte. Na relação pragmática instituída pela enunciação, o destinatário é interpelado diretamente pela morte, sendo obrigado a ver o risco que está correndo se continuar com os mesmos comportamentos.

A dramaticidade da cena é mais incisiva ainda pelos enunciados abaixo do rosto, distribuídos em dois níveis. No primeiro, em letras maiúsculas e tipos grandes, a palavra “AIDS”, funcionando como localizador que introduz o assunto da capa. Abaixo, no subtítulo “Os que vão morrer contam sua agonia”, está a expressão que corrobora os enunciados assertivos usados de modo freqüente por *Veja* para construir o pânico. Ou seja, o destino daqueles sobre os quais a revista joga a luz reveladora já está traçado: a morte. Eles apenas podem nos contar sua agonia para que possa servir de exemplo dos erros que não devemos cometer.

4. Aids e homossexualidade : práticas e comportamentos sob a luz dos *media*

O trabalho enunciativo de *Veja* e *IstoÉ* sobre a Aids vai além da simples contabilização do número de casos, das informações sobre as terapêuticas e do relato das descobertas científicas, que são a prioridade dos jornais. A reportagem define-se como um gênero jornalístico que toma um assunto, normalmente já divulgado pelos jornais, e aprofunda-o, relacionando-o com outras questões a partir de um ângulo preestabelecido. Caracteriza-se, assim, como uma interpretação do acontecimento. Mais do que informar, a revista semanal de informação se propõe a convencer o leitor de que seu raciocínio é o certo. Portanto, uma das estratégias das duas revistas é, tomando a Aids como ponto de partida, construir raciocínios sobre outros referentes, como hemofilia, morte, consumo de drogas, comércio de sangue, políticas públicas de saúde... e, principalmente, sexualidade.

Desde que a morte do estilista Markito foi metaforizada para sinalizar o risco da chegada da Aids ao Brasil — “lançou um facho de preocupações” (*IstoÉ*) e “acendeu seu sinal vermelho” (*Veja*) —, a doença foi tratada, principalmente, pelo ponto de vista da sexualidade. O “facho de preocupações” e o “sinal vermelho” representam, na realidade, o temor que o vírus, trazido por um homossexual, acarreta para os heterossexuais. Portanto, já nesta primeira reportagem, a homossexualidade será tomada como o vetor de propagação da Aids no país, ou seja, a doença que começa a nos rondar é a conseqüência do comportamento e das práticas sexuais dos homossexuais.

A morte de Markito não foi apenas a morte biológica do estilista, mas a “morte” da segurança que as práticas sexuais heterossexuais tinham tido até aquele momento. À medida que a Aids vai se tornando iminente ou quanto mais ela se insinua, como uma espada de Dâmocles sobre nossas cabeças — realidade construída através da metáfora da guerra e do pânico —, as duas revistas vão não só nominando a homossexualidade, jogando luz sobre suas práticas e comportamentos, esmiuçando minimamente suas formas de prazer, definindo seu “modo de ser”, mas também qualificando-a, avaliando-a, comentando-a. É a partir dessas operações que também vão sendo tecidas as comparações, as analogias, as divergências, enfim, a marcação de um lugar diferente em relação às “outras sexualidades”.

Portanto, a morte de Markito, resultado de sua prática e comportamento sexuais, é o estopim que deflagra a guerra que as revistas dão início.

- (6) [...] Sem causa esclarecida, a AIDS é uma avassaladora desordem do sistema imunológico, as defesas do organismo. Enfraquecido, o organismo sucumbe a infecções. Além disso, a AIDS é sempre acompanhada de uma pneumonia grave ou de uma variedade de câncer. A maioria de suas vítimas, tanto nos Estados Unidos (1.071, ou 71,1% dos pacientes) como no Brasil (os três casos confirmados), são homossexuais — um grupo que, aqui como lá, prefere não admitir a doença. Parece ter sido o caso do estilista Markito. (*IstoÉ*, 15/06/1983)

IstoÉ realiza, no enunciado, uma operação de extração (“um grupo”) e o qualifica (“que, aqui como lá, prefere não admitir a doença”), modalidade declarativa que leva, principalmente com o uso do verbo “preferir”, à conclusão de culpa dos homossexuais. O verbo atribui aos homossexuais brasileiros, à semelhança dos americanos, a possibilidade de escolher tornar pública sua condição de doente e sua prática sexual para, assim, evitar o contágio e o pânico instaurados na sociedade. Este raciocínio se confirma com o enunciado que se segue — “Parece ter sido o caso do estilista Markito” —, ainda que seja modalizado sob a forma de conjectura.

Se a probabilidade é sobre a forma como o estilista se comportou diante da certeza da doença, não é este o caso quando se trata de sua sexualidade: “A maioria de suas vítimas, tanto nos Estados Unidos (...) como no Brasil (...) são homossexuais – um grupo que, aqui como lá, prefere não admitir a doença. Parece ter sido o caso do estilista Markito” (grifos meus). Está, assim, na contigüidade dos dois enunciados a estratégia que *IstoÉ* usa para afirmar, de modo silogístico, a homossexualidade de Markito: se “a maioria de suas vítimas são homossexuais” e “Markito é uma vítima”, logo ele é “homossexual”.

Já no caso de *Veja*, a sexualidade do estilista é explicitamente indicada (“Como verificaram os médicos, ela ataca principalmente homossexuais, como Markito” - grifo meu). Mas a enunciação informa muito mais do que este sentido. Com o uso da vírgula, o emissor estabelece uma marca de ênfase, estabelecendo uma relação que, mais do que apenas comparar, leva-o a ser tomado como o protótipo do homossexual que a Aids tem como alvo. Ou seja, o sujeito da enunciação sugere que o estilista seja tomado como o típico caso que a doença não perdoa, mas que não acontece por acaso. Para isso, vai buscar na vida íntima de Markito o comportamento que o levou a se transformar neste alvo, narrada em um boxe na última página da reportagem (“Viagem para a morte na cidade amada”) como um perfil.



- (7) A tragédia começou a desenhar-se seis meses atrás, mas entre o início da doença e a morte havia o *Carnaval*. Markito *esqueceu, então, as preocupações com a saúde*, preparou as malas, foi para o *Rio de Janeiro* e brincou os três dias, como fazia todos os anos. / [...] Markito foi sempre assim — *entregava-se à vida totalmente* e continuou a fazê-lo quando ela chegava ao fim. (*Veja*, 15/06/1983, grifos meus)

Já que a Aids é consequência da homossexualidade, esta precisa, portanto, ser denunciada. Pelos holofotes simbólico-discursivos dos dois emissores, ela vai sendo levada à luz, expostas suas variações, suas formas de obter prazer, revelados os lugares a que pertencem. Através de seus enunciados, *Veja* e *IstoÉ* vão povoando o universo do leitor com noções que dizem respeito à homossexualidade, inscritas sob os mais diferentes registros através de:

- **suas variações:** travesti; taxy-boy; bicha; bicha aceitável; prostituto; prostitutas do centro de São Paulo; gay; gay americano; gay “exportado”; gay pobre; não-profissionais; garotos de luxo; ativo; passivo; comunicante; homossexuais promíscuos;
- **suas práticas sexuais:** abundância e a variedade de parceiros sexuais; em média, 25 parceiros num ano; transa com todo tipo de gente – homens casados, motoristas de táxi – quase sempre na clandestinidade e no anonimato; intensa vida de relações anônimas; em média quatro relações sexuais por noite; cerca de mil relações sexuais por ano, com parceiros anônimos e diferentes;
- **seu pertencimento a um lugar:** áreas metropolitanas do Rio e de São Paulo; países com certa tradição na liberação homossexual, como a Inglaterra; saunas ou boates; ambiente altamente promíscuo, onde se troca de parceiro como se troca de camisa; pontos típicos como a Galeria Alaska; “quartinho escuro” das saunas *gays*; centro de São Paulo; capitais gays dos Estados Unidos – Nova York, Los Angeles e San Francisco; Haiti; África;
- **detalhes físico-biológicos do ato sexual:** efeitos imunodepressores do esperma; contato entre o pênis e a mucosa anal; rompimento de vasos microscópicos por onde se imiscui o vírus.

Através de operações de determinação, as noções acima vão se constituindo para o co-enunciador em matrizes de compreensão do universo homossexual, visibilizadas seja pela fala das autoridades do campo de saúde, seja através da fala dos próprios homossexuais, pelas quais se busca um efeito de garantia da veracidade dos enunciados — “o enunciador é quem fala de si, a prova de veracidade está contida no próprio ato de enunciação”⁵.

Pelas vozes dos enunciadores acionados ou pela própria voz das revistas, portanto, a ação enunciativa vai construindo a inteligibilidade da manifestação da Aids, associada, como visto acima, à prática sexual do homossexual, mas qualificando-a, direta ou indiretamente, como promíscua e, assim, como diversa do “comportamento

⁵ REBELO, José. *O discurso do jornal: o como e o porquê*. Lisboa: Notícias Editorial, 2000. p. 64.

sexual predominante”. Para dar o caráter de verossimilhança ao que chamam de promíscua, os emissores usam operadores de quantificação (“*multiplicidade* de parceiros sexuais”; “em média, 25 parceiros num ano”; “média *quatro* relações sexuais por noite”; “cerca de *mil* relações sexuais por ano”; “transar com *dez, vinte* parceiros”; “uma *média altíssima* de parceiros — 1 100 — com quem haviam estabelecido relações sexuais ao longo da vida”); e relacionam-na à licenciosidade (“se *transa com todo tipo de gente* – homens casados, motoristas de táxi – quase sempre na *clandestinidade* e no *anonimato*”; “intensa vida de *relações anônimas*”; “*sexo em grupo* e com *parceiros sucessivos* em saunas ou boates”; “com *parceiros anônimos e diferentes*”; “transas na *total ausência de luz*”; “*relações pagas* com outros homossexuais, mulheres e casais”; “aqueles que *trocam de parceiros* e se permitem *outros excessos*”).

Uma diferença marcante entre os dispositivos de enunciação das duas revistas é que *IstoÉ*, na maioria dos casos, demarca explicitamente, através do discurso direto ou do indireto, as vozes dos enunciadores, conservando o estatuto dos enunciados que relata. Reporta o *dito*, mas mantém a identidade dos enunciadores. Em *Veja*, por outro lado, o dispositivo se define mais frequentemente pelo apagamento das marcas da enunciação e pela absorção dos respectivos conteúdos. *Veja* assume, ela própria, a responsabilidade do *dito* ou, alternativamente, remete essa responsabilidade para o senso comum ou para a evidência. “Considerar um enunciado como informação, sem o ligar à fonte, equivale a reconhecê-lo como do domínio do real e, portanto, a veicular, automaticamente, os interesses que a fonte investiu no discurso ao produzi-lo”⁶.

Está, portanto, na forma como a intertextualidade se manifesta em *Veja* e *IstoÉ*, a diferença de poder entre os dois emissores. Se *IstoÉ* faz-se autoridade pela autoridade da fala muito bem balizada dos outros, *Veja* é a autoridade. Daí que a enunciação de *Veja*, como assim também foi demonstrado na instalação do pânico, é muito mais marcada por enunciados assertivos, categóricos: “a AIDS *não se caracteriza* apenas...”; “*Há* um fator agravante...”; “*Com certeza* a atividade homossexual entre homens é a via por excelência da transmissão do vírus”; “*Está estabelecido* pela medicina...”; “No relacionamento homossexual *isso acontece como regra*...” (grifos meus).

O dispositivo de enunciação marca não só a construção da imagem dos sujeitos do enunciado, mas também a imagem dos seus respectivos enunciatários e a relação entre eles. *Veja* caracteriza-se, na relação com seus destinatários, por uma relação

⁶ *Idem*, p. 64.

assimétrica, autoritária, de quem, para *dizer*, não precisa demarcar o *dito* dos outros. *IstoÉ* faz o contrário. Define-se através de um contrato mais (simuladamente) simétrico, marcado pela referência explícita às fontes e por enunciados não taxativos, que comportam possibilidades, probabilidades: “a causa *seriam*”; “*Quase 80% dos casos*”; “os homossexuais não *seriam* vulneráveis”; “*possíveis* efeitos imunodepressores do esperma” (grifos meus).

A marca de seu dispositivo, portanto, é esconder a subjetividade de sua enunciação e, assim, legitimar seu próprio discurso. *IstoÉ*, diferentemente do que predomina em *Veja*, fala muito mais pela fala do outro. Na enunciação dos dois emissores certamente está em jogo uma disputa que se estabelece no mercado de concorrência editorial. Portanto, *Veja* se posiciona do lugar de quem, tendo a maior tiragem e mais tempo de mercado, não só pode afirmar categoricamente, mas também tem o direito de dar conselhos, advertir, suspeitar.

5. Dos homossexuais aos heterossexuais: território em perigo

Ao mesmo tempo que vão desvendando a homossexualidade, os processos discursivos colocado em prática pelas duas revistas vão também anunciando a preocupação com o risco da Aids para a heterossexualidade. A doença, antes delimitada somente a um território (gay), agora ameaça voltar suas baterias para outra direção, o terreno dos heterossexuais, operadores típicos da metáfora de guerra. A metáfora se estendeu e a região que corre perigo, antes restrita ao corpo biológico do homossexual suscetível à ação do vírus e ao “território dos homossexuais promíscuos”, passa a ser o corpo social e o território dos heterossexuais.

Mas se Markito foi, para as duas revistas, o marco zero da ameaça da Aids, é a notícia de contaminação do ator americano Rock Hudson pelo vírus HIV que, para *Veja* (31/07/1985), vai marcar com muito mais ênfase a necessidade de acionar o alarme geral para a propagação da doença, fato que terá sua importância destacada pela primeira tarja diagonal, no canto superior esquerdo da capa, destinada ao tema (“AIDS: O drama de Rock Hudson”).

(8) [...] Na verdade havia algo mais de errado com Rock Hudson — e seu drama começou a ser *desvendado* quando o ator desembarcou em Paris, no domingo, dia 21. A princípio ainda *se tentou esconder a verdade* e organizou-se um desembarque quase *secreto*, assim como uma quase *clandestina* internação no Hospital Americano de

Neully, nos arredores da capital francesa. No começo da semana, porém, começaram a cair as barreiras e já se informou que Hudson não só estava internado na França como sofria de uma doença grave — câncer, talvez. Enfim, na quarta-feira, veio a revelação completa, da boca de Mark Miller, amigo inseparável que levava o ator americano a Paris: Rock Hudson sofre de AIDS, a terrível síndrome de imunodeficiência adquirida. Hudson se transformou, assim, na maior celebridade mundial a admitir publicamente, até agora, ser vítima de AIDS, uma doença surgida há apenas sete anos, *implacavelmente terminal e que ataca principalmente os homossexuais, como o ator americano* (grifos meus).

LUGAR DE DESTAQUE — A doença do veterano galã de Hollywood suscitou comoção em várias partes do mundo. (...) Sobretudo, porém, *a doença de Rock Hudson chamou a atenção para a devastação da AIDS e o caráter epidêmico com que ela avança* (grifos meus).

CASAMENTO ARRANJADO — Rock Hudson, segundo informou na semana passada seu amigo Mark Miller, sabe que está com AIDS já há um ano. Durante todo esse tempo, porém, ele *escondeu* a doença, em razão de um de seus perversos efeitos morais — o constrangimento de ver publicamente escancarada sua condição de homossexual. A luta de Hudson contra o *desvendamento* de suas preferências sexuais é antiga — e já ocasionou, por exemplo, um casamento realizado na década de 60 com uma secretária, Phillis Gates, apenas para dissipar as suspeitas das fãs, que começavam a achar estranho o fato de o ator já ter ultrapassado os 30 anos e continuar solteiro. O casamento foi arranjado pelos próprios produtores de Hudson e nunca passou de uma farsa consumada no papel apenas para efeitos publicitários, até terminar em divórcio dezessete meses depois (grifos meus).

A homossexualidade de Hudson praticamente ficou *a descoberto* quando se soube de sua viagem a Paris, local onde há pelo menos quatro dezenas de outros americanos se tratando de AIDS e para onde têm convergido crescentemente, nos últimos meses, as vítimas da doença. (...) – grifos meus.

A doença de Rock Hudson vai sendo relatada como num filme, através de idas e vindas no tempo, estratégias enunciativas típicas da perspectiva narrativa e que vão sugerindo ao receptor a capacidade de “desvendamento da verdade” realizado pelo emissor. O “drama” do ator, isto é, a descoberta da doença que, por sua vez, levou à descoberta de sua homossexualidade, é relatado como se fosse uma revelação única e exclusiva da revista, estratégia reforçada pelo uso muito reduzido do discurso relatado. Não é à toa também que é recorrente no texto a palavra “desvendamento”, destacando sua competência semiótica de *fazer ver* que o símbolo máximo da masculinidade construída por Hollywood era, na verdade, um homossexual. O desvendamento, aliás, é uma estratégia típica do contrato de leitura de *Veja*, como visto na capa de 10/08/1988. O título da reportagem (“A sombra da AIDS”) também é muito sugestivo, já que sombra significa “espaço sem luz”, o que destaca a função iluminadora da revista.

O trabalho de jogar luz sobre a sombra representa não só a revelação da doença de Rock Hudson e, conseqüentemente, da sua verdadeira condição sexual, mas também a simbólica revelação de que um dos signos mais representativos da heterossexualidade ocidental foi contaminado. A Aids não contamina somente as pessoas físicas, corpos

possíveis de recepção e transmissão de doenças e, assim, da morte, mas inclusive os símbolos mais caros e representativos da sexualidade sem desvios. Ou seja, a masculinidade também corre riscos. A partir daí a revista *Veja* dá início a uma série de matérias que têm como principal questão chamar a atenção dos riscos da doença para os heterossexuais. Com isso, Rock Hudson será não apenas um marco do cinema americano, da heterossexualidade, mas, funcionando como um operador de localização, também uma baliza (como serão outros olímpianos) que os *media* usam para ir referenciando a manifestação da Aids no corpo social.

Exatamente duas semanas após a reportagem sobre Rock Hudson, a revista vai dar sua primeira capa à Aids, para uma reportagem com nada menos que 13 páginas, usadas para quatro matérias e suas respectivas retrancas (14/08/1985). Já na capa está definida uma das questões que a reportagem terá como proposta responder: “A doença e os heterossexuais”. É a partir deste momento que a revista começa a se afirmar, de modo mais explícito, como o lugar a partir do qual a Aids terá avaliada suas conseqüências para a sexualidade.

IstoÉ também dá sua contribuição para tocar o alarme do risco que a Aids começa a instaurar para os heterossexuais. Na edição de 11/09/1985, a capa traz a palavra “AIDS”, em tipologia vermelha com sombra branca, numa moldura inclinada para cima de linhas tracejadas e bordas circulares, sugerindo um carimbo de “dossiê”. Abaixo, centralizado em tipologia garrafal, na cor branca, o enunciado “RISCO GERAL”, que, aproveitando-se da já culturalmente consolidada noção de “grupo de risco”, oriunda da epidemiologia, busca um efeito de reconhecimento junto ao seus enunciatários para qualificar a situação como de contaminação da sociedade como um todo (GERAL). A largura do enunciado na extensão da página baliza a disposição, logo abaixo, de três fotos através das quais a revista busca confirmar o que o texto anuncia: Aids nas forças militares e Aids nos presídios (com duas fotografias). As imagens e os textos estão sobre um fundo em degradê, que vai variando do branco na altura do nome da revista para o preto total na região onde se encontram as fotos. A graduação da cor constitui-se como um enunciado que divide a propagação da Aids em dois momentos: no primeiro, quando os homossexuais eram o alvo do vírus HIV, tudo estava muito bem definido (branco); no segundo, quando o vírus começa a fazer vítimas heterossexuais, tudo começa a ficar muito confuso (preto).

6. Mudança de hábito: práticas e comportamentos para tempos de Aids

Tornada uma realidade irreversível através das várias estratégias enunciativas colocadas em prática pelas duas revistas (guerra, pânico, medo de propagação entre os heterossexuais), a Aids vai sendo tomada como desculpa para constatações, avaliações, sugestões e advertências acerca do comportamento sexual. Nessa tarefa, estarão presentes também os médicos, que, do alto de seus arrazoados de base científica, justificam a consideração, por parte do enunciatário, das exortações que vão sendo feitas.

- (9) “Sou sempre contrário a alarmismos, mas desta vez admito que o interesse mórbido provocado pela AIDS ajuda nosso trabalho. Existe um *novo comportamento*, inspirado por precauções e cuidados, que poderá dar seus frutos.” Quem diz isso é o professor italiano Duccio Zampieri, 55 anos, diretor do Laboratório de Epidemiologia do Instituto Superior de Saúde, em Roma. (Veja, 14/08/1985, grifos meus)
- (10) A primeira providência, recomendada por médicos, é a *redução do número de parceiros* e a *adoção de cuidados higiênicos*. A julgar pelo último Carnaval carioca e pela *féerica atividade* de alguns locais de densa população homossexual no Rio de Janeiro, essa não será uma batalha tranqüila. (IstoÉ, 13/03/1985, grifos meus)
- (11) [...] Amigos lhe recomendaram um exame mais sério e, no mês seguinte, após duas baterias de testes, “Júnior” foi *alertado pelos médicos* de que tinha 80% de possibilidades de estar com Aids. Por isso, *deveria abster-se de relações sexuais*, para evitar o contágio de seus parceiros. (IstoÉ, 29/05/1985, grifos meus)
- (12) A gangorra dos costumes, que lança para o alto alguns hábitos e afunda outros no esquecimento, teve seu equilíbrio alterado em meados dos anos 80, principalmente entre os jovens. As *amizades coloridas*, os *relacionamentos fugazes* e a *onda de liberação sexual* deram lugar à *valorização da amizade*, do *romantismo*, dos *namoros firmes* e dos *casamentos* – com cerimônias pomposas. Desconfiou-se, quando essa alteração nos costumes se tornou mais evidente, que talvez a Aids tivesse algo a ver com as mudanças. Agora há números concretos provando que a suposição era verdadeira. “A Aids adiantou um processo de conservadorismo que só viria daqui a alguns anos”, afirma o publicitário Julio Ribeiro, 54 anos, presidente da Agência Talent, responsável por uma pesquisa que acaba de detectar exatamente essa guinada entre os jovens. (...) “Já desconfiávamos que a preocupação com a doença estava trazendo os jovens de *volta ao romantismo e à procura de um parceiro único*. A pesquisa só confirmou a suspeita”, diz Mariângela Zampol, uma das pesquisadoras. (Veja, 13/01/1988, grifos meus)

Nos enunciados acima, tomados como alguns dos exemplos da mudança de hábito construída pelas revistas, é forte a presença da fala médica, autorizada pela sua competência científica para, além dos diagnósticos estritamente biológicos, também recomendar novas posturas em relação ao sexo. Institui-se assim uma medicina do comportamento, através da qual vão sendo feitas alertas, recomendações, advertências. É assim que os médicos recomendam “a redução do número de parceiros e a adoção de cuidados higiênicos” (10), eufemismo para uma das principais acusações contra os



homossexuais, a de promíscuos. Mais do que redução, os médicos defendem a abstenção sexual (11). Mas é também pela voz médica que as revistas vão anunciando as transformações da sexualidade, resultado de observações, estudos e pesquisas (9 e 12). Essas constatações científicas podem atestar, inclusive, a vontade dos homossexuais, como uma forma de expiação, de deixar sua opção sexual para trás, tomada como a culpada por sua condição de doente. As revistas vão ofertando, assim, um novo universo sexual, em que o valor estará na busca de relações fixas, da amizade, do romantismo, dos namoros firmes e dos casamentos – com cerimônias pomposas (12). Chega, portanto, das amizades coloridas, dos relacionamentos fugazes e da liberação sexual (12), comportamentos típicos de um tempo em que o sexo era frenético, avaliado apenas pela quantidade. A geração madura que sobreviveu à Aids está à busca de qualidade, na volta ao romantismo e à procura de um parceiro único, de um retorno também à época da valorização da virgindade e da fidelidade conjugal. Já que o sexo pode custar a vida, o melhor é se cuidar.

7. Conclusão

Veja e IstoÉ, mais do que iluminadores de cena, foram se firmando como sujeitos singulares da enunciação que, com estratégias enunciativas às vezes parecidas, às vezes diferenciadas, foram ofertando modos de leitura também singulares acerca da Aids e, conseqüentemente, da sexualidade. O que as fez convergir foi o aliado comum, a medicina, com a qual realizaram um duplo movimento: ao mesmo tempo que iam dando autoridade aos médicos, pela autoridade que lhes é inerente, as revistas iam também reforçando sua autoridade sobre os referentes. Ao ser referidos, os médicos funcionaram como instâncias de legitimação do discurso das duas revistas. Investindo no *poder dizer* dos enunciadores (médico), os *media* iam produzindo seus efeitos de verdade.

Esse aspecto da enunciação midiática serve para mostrar que, nos anos 1980 e início da década de 1990, não mudaram as pessoas autorizadas a falar do sexo. Assim como no século XIX eram os médicos que tinham a prevalência da fala sobre a sexualidade, cem anos depois essa importância se mantém, caucionada pela urgência de debelar uma doença que, do terreno homossexual, avançava sobre o heterossexual. A diferença é que se, naquele momento, a “perversão” era a desculpa para o diagnóstico e para o tratamento da patologia, agora caminha-se no sentido inverso: torna-se a doença como o sintoma da “perversão” e da licenciosidade.



Portanto, é preciso entrar em guerra. Em tempos de belicosidade, a sexualidade teve que ir se ajustando às advertências, às avaliações, às recomendações engendradas através dos dispositivos de enunciação acionados pelas duas revistas. Por isso, as sexualidades não foram apenas referenciadas, mas qualificadas e denunciadas suas práticas (algumas desviantes e promíscuas, outras normais e desejáveis) e, a partir daí, sugeridas mudanças de comportamento, exigências de revisão de valores. Os enunciados assumiram a condição de atos de fala, força ilocucionária constituída pela força do efeito de estatuto científico que o discurso midiático assumiu (ainda mais tendo o médico como uma voz fundamental).

Nas estratégias enunciativas de oposição entre homossexuais e heterossexuais que os discursos de *Veja* e *IstoÉ* foram construindo, foi recuperada, de forma explícita, a codificação dos atos e dos desejos sexuais, polarizando-os sobre as noções normais/anormais, patológicos/saudáveis. Com isso, as condutas vão sendo sistematizadas e, assim, redefinidas as noções do permitido e do proibido.

A Aids foi assim tornada desculpa, nos discursos midiáticos, para a revalorização de práticas e comportamentos sexuais que tinham ficado para trás quando a sexualidade passou por profundas transformações a partir dos anos 1960. Seja pela fala dos médicos, seja pela fala da “opinião pública”, as revistas trouxeram à tona noções como “virgindade”, “relações fixas”, “casamento”, entre outros, imersas na urgência de mudanças sociais propostas através dos ditos e dos não-ditos e, assim, polarizando ainda mais heterossexuais e homossexuais. O que os diferenciou foi a forma como foram sendo ofertadas pelas duas revistas, de modo mais incisivo, declaradamente autoritário, em *Veja*, de modo mais simulado, aparentemente simétrico em algumas ocasiões, em *IstoÉ*.

Referências Bibliográficas

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

REBELO, José. *O discurso do jornal: o como e o porquê*. Lisboa: Notícias Editorial, 2000.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VERON, Eliseo. *Construire l'événement: les medias et l'accident de Three Mile Island*. Paris: Minuit, 1981.